

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 135  21 DE SETEMBRO 1882	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	58800	18900	6950	8120		LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possessões ultramarinas, (idem).....	46000	24000	—	—	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.	
Estrangeiro (união geral dos correios).....	55000	28500	—	—		
Brazil (moeda fraca).....	156000	78500	—	—		



ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL — JARDIM BOTANICO DA ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA (Desenhos do natural de A. Ramalho)

## SUMMARIO

**TEXTOS.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Estabelecimentos Scientificos de Portugal, Escola Polytechnica, Jardim Botanico. R. — As nossas gravuras — Successos do Egypto, R. — Recordações d'Aveiro, MONTEIRO RAMALHO — João Baptista Schiapapa de Azevedo, HIRTO REBELLO — O theatro da Rua dos Condes, MAXIMILIANO DE AZEVEDO — Ephemerides Artistico-Litterarias, SILVA PEREIRA — Publicações.

**GRAVURAS.** — Estabelecimentos Scientificos de Portugal, Jardim Botanico da Escola Polytechnica de Lisboa — Successos do Egypto, Cherif pachá — Marinha de Guerra Portugueza, «Espadarte» novo barco para o lançamento de torpedos — Bellas Artes, Partida do Vasco da Gama para a India — Matança dos Judeus, Reinado de D. Manuel — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Se ha alguma coisa que nos possa até certo ponto consolar do desbragamento de phrases e da violencia de injurias, que infelizmente constitue o fundo imutavel de todos os nossos debates politicos, é com certeza a reviravolta que se produz ainda em todos os polemistas, mesmo os mais arduos, quando o adversario desaparece no tumulo, a sinceridade franca com que se vem declarar solememente, que todas as injurias, insultos, e asperas censuras da vespera, não passavam d'uns valores entendidos entre os combatentes, que só tinham por fim illudir os ingenuos das galerias.

Isto é triste para a politica portugueza, descredita-a completamente, ninguem pode dar fé ás suas palavras irritadas ás suas accusações vehementes, ás suas indignações rhetoricas, mas é honroso para os politicos, que mostram ter ainda certa consciencia do justo e do verdadeiro, e um respeito digno pela memoria dos mortos, que não respeitaram em vida.

Todos os dias os jornaes politicos vem cheios de trovejante indignação, de denuncias esmagadoras e terriveis, contra os seus adversarios; os antigos portuguezes não accommetiam com mais sanha os infieis nas terras d'Africa do que os politicos accommettem os adversarios nos terrenos da imprensa. Quem lêr esses artigos vê espumar coleras implacaveis, vê a penna cavar phrase a phrase abyssos profundos entre os adversarios, acredita que entre esses dois homens que esfaqueam a honra um ao outro, como dois fadistas avinhados esfaqueam os corpos nas esquinas das viellas, ha d'esses odios inconciliaveis e terriveis, que formaram as grandes tragedias lendarias da *vendetta*, imagina que se uma vez se encontrarem frente a frente, esses homens cujas pennas esgrimem todos os dias, o duello será inevitavel, medonho, assombroso e que os dois tentarão arrancar-se mutuamente a vida, como se arrancaram a reputação, que arremearão um ao outro botes mortaes como arremearão adjectivos infamantes.

Nada d'isto se dá porém. O odio, a injuria, o insulto são apenas figuras vistosas da rhetorica, e como esses *poseurs* do atheismo que se riem de Deus diante de gente, para se darem ares de espiritos fortes, e que á noite, ao deitarem-se na cama, resam muito convictos o seu padre nosso para salvar a sua alma, esses adversarios terriveis que se fulminam com apostrophes vehementes na imprensa, apertam-se as mãos cá fóra, e os inimigos irreconciliaveis d'alli, são aqui amigos affectuosos e delicados.

Longe de nós a idéa de lhes censurarmos o não trazerem esses odios para as suas relações pessoais; o que censuramos é o usarem a injuria, e o insulto como armas de combate, e como argumentos politicos.

Nada mais digno, mais honroso e mais santo, que a attitude respeitosa e fraternal da imprensa portugueza ante esse colosso morto, que na vida se chamou Antonio Rodrigues Sampaio.

Foi nobre e exemplar o procedimento da imprensa de todos os partidos e de todas as côres politicas.

Diante d'esse caixão, felizmente para nós, não houve uma frente que se não curvasse, não appareceram esses vis insultadores de cadaveres, que em França, ha pouco tempo ainda escarravam as suas ignobeis e reles afrontas, sobre o cadaver venerando e querido do grande Thiers.

Na imprensa portugueza não ha d'essas miseraveis creaturas, nem d'esses infames rancores

odientos, que não respeitam, sequer, o que ha de mais respeitavel no mundo: — o morto. Honra lhe seja!

Mas se não ha d'esses odios, felizmente, para que é que elles se finguem, para que é que se dá ao publico o vergonhoso espectáculo d'essas coleras ficticias, e d'essas aggressões violentas, para que é que se inventa a accusação infamante como arma legal das luctas politicas, para que é que se escolhe como unica tactica de guerra o descredito, e o desprestigio, e a deshonra do adversario, para que é que se insulta o homem em vez de discutir o politico, para que é que se habitua o povo a descrever de todos os nossos grandes homens, se toma a imprensa a sério, a descrever da imprensa se conhece os segredos dos seus bastidores, se descobre que esse fogo terrivel dos seus combates não passa d'um fogo de artificio para o entreter a elle, enquanto os fogueteiros apertam amigavelmente as mãos por de traz da *charpente* d'essas grandes peças que o deslumbram?

Tudo isto pensámos nós ha muito tempo, pensa-o toda a gente, cremos, e veio aqui a proposito da homenagem unanime e honrosa que a imprensa e o paiz prestou á memoria gloriosa de Antonio Rodrigues Sampaio.

A primeira vez que estivemos mais intimamente com elle foi ha seis ou sete annos, n'um dos jantares da princeza Rattazzi.

Nesse tempo Sampaio era ministro do reino. Á mesa Sampaio ficou collocado á esquerda de madame Rattazzi que tinha á sua direita o sr. presidente do conselho. Nós ficámos ao lado do grande jornalista. O que elle gastou de bom humor, de boa graça portugueza e de excellente appetite n'esse jantar foi assombroso. Até então nós conheciamos apenas ligeiramente Antonio Rodrigues Sampaio, admirávamos n'elle o pamphletario audaz, o luctador infatigavel, o jornalista brilhante e colossal. N'esse dia ficámos conhecendo o conversador delicioso, o rapaz alegre, despreocupado, engraçadissimo, que havia dentro d'esse velho de setenta annos. A idade não fazia senão augmentar o encanto do seu espirito e do seu bom humor; dava-lhe uma bonhomia paternal, um tom estranho, maravilhoso e intimo, que não ha nada que o difina.

Desde esse dia á admiração que tinhamos pelo talento enorme do escriptor excepcional juntou-se uma sympathia profunda e immensa pelo homem, uma sympathia que experimentavam todos que d'elle se approximavam.

Quando recebemos a noticia da morte d'esse velho encantador, sentimos a tristeza que teriamos por um parente querido e adorado.

Comprehendemos bem que não pensamos em fazer aqui a biographia de Sampaio. O OCCIDENTE vae prestar a homenagem do seu respeito ao grande jornalista, dando em supplemento, no proximo numero, um retrato grande de Antonio Rodrigues Sampaio, e acompanhando-o da biographia, escripta, por um dos seus mais queridos discipulos, e dos que mais conheceu de perto e viveu na intimidade do primeiro jornalista portuguez.

Nós aqui hoje, só temos que registar a morte de Antonio Rodrigues Sampaio, essa morte que foi um acontecimento fatal não só para o partido regenerador, que tinha n'elle o seu mais denodado campeador, e para a politica portugueza de que elle era um dos mais notaveis e brilhantes vultos, mas para o paiz que perdendo Sampaio, perdeu um dos seus grandes homens mais illustres e mais gloriosos.

Dissemos que a bonhomia de Sampaio o acompanhava sempre mesmo nos actos mais serios da sua vida politica.

Um exemplo que é uma reminiscencia.

Ha annos, quando Sampaio era ministro do reino foi prohibida n' theatro do Principe Real uma revista do anno.

É sabido que Sampaio o mais tolerante de todos os homens tolerantes, foi inteiramente alheio á sua prohibição, entretanto como ministro do reino teve que a defender no parlamento onde a atacou violentamente uma voz das mais autorisadas e a mais eloquente da tribuna portugueza — a voz de Pinheiro Chagas.

Sampaio defendeu a prohibição n'aquelle tom de conversa bonacheirona com que elle tratava no parlamento todos os assumptos, mesmo os mais graves.

— Foi muito bem prohibida, dizia elle, os senhores não sabem o que era essa revista, diziam-se n'ella coisas, que parece impossivel, nem mesmo aqui se disseram nunca!

A ultima vez que vimos Sampaio foi ha poucos mezes na estação do caminho de ferro em Santa Apollonia. Tinhamos ido ali ambos pelo mesmo motivo.

Sampaio ia despedir-se—para sempre! mal o sabia elle — do seu neto querido, nós iam despedir-nos do melhor dos amigos e do mais notavel de todos os talentos modernos que ultimamente tem apparecido em Portugal — de Jayme Seguier.

A despedida do avô e do neto, foi dolorosa e commovente. Os dois estiveram muito tempo abraçados; depois a sineta deu o signal de partida: Seguier arrancou-se dos braços de Sampaio, atirou-se para um dos assentos do wagon, e chorou despedaçadamente. Sampaio, cá de fóra, forçava um sorriso, mas pelo seu rosto alegre e cheio de rugas, cahiam serenamente duas grossas lagrimas. Eram duas vidas que se despediam: uma ia commegar a sua carreira pelo mundo, a outra ia terminal-a na cova!

Esse botafóra que se annunciava tão alegre, um rapaz de grande talento, que ia para França, o sonho de todos, seguir uma vida brilhante, terminou tristemente.

Sahimos todos da gare, profundamente impressionados.

Quando na quarta feira recebemos a noticia da morte de Sampaio, a primeira coisa de que nos lembrámos logo, foi d'essa despedida, em que o presentimento chorára todas as lagrimas d'uma separação eterna.

Gervasio Lobato.

## ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

ESCOLA POLYTECHNICA — JARDIM BOTANICO

Já em o n.º 118 do presente vol. nos occupamos d'este importante estabelecimento scientifico de Portugal, onde tem bebido a instrucção superior, a maior parte dos homens que nas artes, nas letras ou nas sciencias illustram hoje o paiz.

Tratamos n'esse artigo do observatorio anexo á escola polytechnica de Lisboa, hoje daremos uma rapida descripção do seu jardim botanico.

Data de poucos annos este estabelecimento, que já hoje avulta em importancia, pela habil direcção que tem conseguido transformar aquella quasi charneca que desce para a rua da Alegria em um jardim apravel á vista, e que tanto satisfaz a nossa curiosidade.

Desdobra-se este estabelecimento a norte do edificio da escola, descendo pela encosta, de que já fallamos, em boa exposição de sol, que quasi todo o dia o banha. É dividido naturalmente em duas partes por escadas com intervallos preenchidos por plantas graciosas.

Na parte superior estão as plantas dicotyledoneas, em numero approximado de 3:000 exemplares; na inferior em espaço conveniente as mono-cotyleas.

As plantas seguem nas diversas partes por onde se acham dispostas, uma ordem perfeitamente scientifica, com os seus competentes letreiros, indicando o nome scientifico e a familia, não havendo porém em todas, se nos não enganamos, o nome vulgar, o que nos parecia ser conveniente.

De algumas ha exemplares muito importantes e variados, sendo a disposição muito elegante e graciôsa, sem perder o caracter scientifico.

Em outra parte ha um jardim em via de conclusão, onde em lindos macissos se ostentam já bellos exemplares de plantas de floração pomposa e brilhante.

Tem uma estufa principal, porque ha outras pequenas, a qual foi construida em 1876. Logo no principio teve esse edificio que arrostar com a asperza de uma estação desabrida. Alguns tufões, que n'esse anno infestaram o nosso clima, produziram n'esse edificio nascente bastantes estragos, nomeadamente na cupula central, quando estava proxima a ser concluida. Esses prejuizos foram taes que custou a sua reparação 400 libras, ou 1:800\$000.

A importancia total d'esta bella estufa, segundo o contracto feito em Inglaterra com a escola, foi de quatro mil libras ou dezoito contos de réis.

Entrando-se o portão da parte da rua Nova da Alegria, sobe-se pela rua larga do jardim, que se ramifica em outras ruas, que tambem se communicam com outras, encontrando-se aqui e alli, pequenos lagos ou tanques, que aminizam e distrahem da constante vista das plantas.

Ao centro da parte superior do jardim encontra-se então um grande lago esmaltado por varias e abundantes plantas aquaticas, ao pé do qual em assentos adequados, como por outras partes se encontram, pode o visitante descansar para continuar o seu estudo ou passeio.

Goza-se além d'isso do alto do jardim uma vista esplendida, que junto ao agrado que aquelle recinto de verdura nos dispensa, torna aquelle logar um dos passeios mais aprasiveis e instructivos de Lisboa.

Bem andou a direcção da escola tendo constantemente abertas ao publico as portas d'esse estabelecimento, que proporcionando uma comunicação mais curta entre a rua da escola e a praça da Alegria, chama por aquelle caminho os viandantes, que vão pouco a pouco afazendo-se aos gozos da flora, tão uteis e convenientes n'uma cidade.

A direcção superior d'este estabelecimento está incumbida ao sr. conde de Ficalho, como lente da cadeira de botânica, e a direcção technica ao sr. Daveau, que tem aformosado muito este recinto. O sr. Daveau entrou em exercicio em dezembro de 1876, tendo até ahi sido incumbido do estabelecimento o sr. Edmundo Goeze, que foi quem o dirigiu desde a sua fundação.

O jardim botânico da escola Polytechnica já hoje faz honra ao paiz.

R.

## AS NOSSAS GRAVURAS

ESPADARTE

Lancha para o lançamento de torpedos

A marinha de guerra portugueza acaba de ser enriquecida com mais um barco para lançar torpedos. O que não temos ganho em numero, temos ganho em qualidade. Os vasos de guerra que temos adquirido, se não são muitos e não são de grandes dimensões, tem a grande vantagem de serem de primeira ordem quanto ás suas condições nauticas.

Assim são considerados o couraçado *Vasco da Gama* (Vej. n.º 67 do 3.º vol.) o barco para lançar torpedos o *Fulminante* (Vej. n.º 66 do 3.º vol.) e agora a lancha *Espadarte*.

E destinada ao lançamento de torpedos Whitehead de pequeno modelo, por meio de dois tubos de aço collocados avante, acima da linha d'agua e parallellos ao plano longitudinal da embarcação.

As suas dimensões principaes são: cumprimento 28<sup>m</sup>,38; boeca 3<sup>m</sup>,57, pontal na caverna mestra 1<sup>m</sup>,65, calado de agua com todo o peso a bordo, á ré, excluindo o helice 1<sup>m</sup>,07, avante 0<sup>m</sup>,99.

A roda de proa é de chapas de ferro 0<sup>m</sup>,01 de espessura e 0<sup>m</sup>,05 de largura. A quilha, chapas de costado, balizas, vaus de convez etc. do melhor aço de Bessemer e com a espessura adequada. O convez é de aço recurvado, forma mais conveniente para resistir aos projecteis e para obter a maior solidez com o menor peso.

A lancha está dividida por anteparas transversaes de chapa de ferro em sete compartimentos estanques, que são, a começar da ré: paiol de ré, camara, machinas, caldeiras, aparelhos de lançamento e dois espaços na extremidade d'avante.

Communicam estes espaços junto ao fundo com o compartimento dos aparelhos do lançamento, por um boeiro com valvula. Do mesmo modo communicam o paiol da ré com a camara, e o compartimento das machinas com o das caldeiras.

Tem uma torre de chapas de aço de 0<sup>m</sup>,0069 de espessura em toda a porção acima do convez. Está collocada na parte d'avante da lancha, proximo dos aparelhos de lançamento, de modo que um individuo dentro d'ella pode governar a embarcação e disparar os torpedos. E munida de uma fenda por onde o commandante pôde vigiar. Está em correspondencia directa com a machina e fogueiros por meio de telegraphos, e tambem por um tubo acustico com o machinista.

Pode a lancha ser governada rapidamente por meio de dois lemes compensados um avante e outro á pópa, sendo o primeiro disposto por forma que pode ser arriado abaixo da quilha ou retirado acima d'ella, dentro de um poço destinado para este fim e existente na parte d'avante do compartimento dos aparelhos de lançamento.

Tem nove escotilhas de diversas formas e um escotilhão correspondendo ás diversas partes do barco, sendo uma d'ellas de 0<sup>m</sup>,33 de diametro no alto da torre, por onde em circumstancias ordinarias, fora de combate, o commandante pode olhar e dirigir o barco.

O barco é movido por um par de machinas conjugadas, verticas invertidas, com condensação de superficie, podendo trabalhar com a velocidade maxima de 450 a 500 rotações por minuto com a pressão de vapor de 21 kilos proxima-mente por centimetro quadrado, e capaz de desenvolver a força de 450 cavallos. Podem es-

tas machinas funcionar, em alta e baixa pressão ao mesmo tempo, ou só em alta ou em baixa segundo os casos occorrentes para o que tem valvulas convenientes.

Tem mais uma machina das bombas, outra da ventoinha, e outra da bomba de comprimir ar de Brotherhood, todas da construção mais solida e perfeita, como era necessario n'um barco para serviço d'esta qualidade.

No compartimento das machinas do lado de estibordo ha um tanque de ferro que comporta 500 litros d'agua, a qual pode ser empregada para refrescar o condensador, quando aqueça demasiadamente, assim como a agua deste pode passar para o tanque quando haja avaria nas bombas de alimentação.

O ar exterior entra na camara por quatro tubos em syphão, que existem no convez, e d'alli passa a outras partes por meio de vigias, e ventoinhas que o conduzem onde é necessario. Os fogueiros são protegidos por um aparelho de Yarrow.

O esgoto dos compartimentos centraes pôde ser feito á mão ou pelo vapor; no primeiro caso por quatro bombas movidas do convez, pelo vapor por quatro ejectores, dispostos do lado de estibordo junto á amurada, por uma bomba movida pelo veio da machina e pela bomba de circulação.

Os aparelhos de lançamento do *Espadarte* foram construidos na fabrica de Whitehead & C.ª de Fiume e compoem-se de dois tubos de aço proprios para lançar torpedos Whitehead de 0<sup>m</sup>,425 de diametro, tendo cada um d'elles: uma valvula para a introdução do ar no tubo, um frico para evitar que as trepidações da lancha affectem o torpedo, um pequeno tubo communicando com um manometro de maxima, e uma disposição movel para impedir que o gatilho do torpedo se levante ao introduzi-lo no tubo e ainda outras peças para completar este machinismo. Os tubos tem 3<sup>m</sup>,92 de comprimento por 0<sup>m</sup>,39 de diametro, formados de partes solidamente ligadas, e munidos de valvulas e outros aparelhos necessarios.

Nas experiencias feitas em Fiume, em nove lançamentos que se fizeram nas condições necessarias, cada torpedo correu á distancia de 400 metros com a velocidade de 24,4 a 25,5 milhas, á profundidade de 3<sup>m</sup>,1 a 3<sup>m</sup>,3 e apresentando no fim da corrida desvios lateraes de 0, a 7<sup>m</sup>,689; mostrando nas experiencias a media da velocidade de 19,758 milhas maritimas por hora, ou 36:591 metros.

As rotações da lancha empregando os dois lemes fazem-se com extraordinaria rapidez.

Esta lancha, cuja rapida descripção extrahimos da mais desinvolvida feia no n.º 7 dos *Annaes do club militar naval*, para onde enviamos o leitor, é a mais perfeita no seu genero, tendo-se remediado n'ella alguns inconvenientes reconhecidos nas construidas anteriormente; foi construida em Paplar, Londres, pelos engenheiros Yarrow & C.ª sob a superintendencia do primeiro tenente da armada o sr. João Monteiro Pinto da Fonseca Vaz, e o seu custo foi de 7:200 libras ou 32:400\$000 réis.

### A PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A INDIA

Esboçeto de Miguel Angelo Lupi

A nossa gravura representa o magnifico esboçeto a oleo, do illustre professor de pintura historica da Academia de Bellas Artes de Lisboa, o sr. Miguel Angelo Lupi, *A partida de Vasco da Gama para a India*. Este esboçeto feito por occasião das festas do tricentenario de Camões figurou com honra na exposição camoneana do Porto, e esteve depois exposto nas salas da Sociedade de Geographia de Lisboa, onde foi muito apreciado.

De todos os generos de pintura, o genero historico, o mais importante e difficil, é talvez por isso o mais descurado entre nós. Parecia-nos que haveria grande conveniencia em levantar-o do esquecimento em que jaz, sobre tudo quando temos em Portugal um artista notavel n'esse genero, como é o sr. Lupi.

Este distincto artista está agora trabalhando por conta da camara municipal no grande quadro do *Marquez de Pombal reconstruindo Lisboa*, para uma das salas dos nossos paços do concelho. O quadro cujo esboçeto, hoje damos em gravura, tem o seu lugar pelo seu assumpto e pelo seu merecimento, ao lado do quadro do Marquez de Pombal e parece-nos que o municipio fará uma boa obra nacional escolhendo obras d'este genero e d'este valor, para adornar as suas novas salas.

## SUCCESSOS DO EGYPTO

IV

A cidade de Alexandria tem dois portos, o velho e o novo. A entrada d'aquelle, que em todo o caso é o mais seguro, é algum tanto perigosa. Uma orla de escolhos e pequenos bancos, parallellos á costa, deixa apenas livres, por entre elles alguns passos estreitos e sinuosos, que só permitem que os navios possam entrar com segurança para o ancoradouro em quanto dura a luz do dia, apesar de haver dentro d'estes numerosas boias para indicarem ás embarcações a direcção a seguir.

O porto velho é o mais occidental e tem a forma de um crescente, na ponta septentrional está o pharol n'um forte artilhado com dezenove canhões Krupp. Seguindo a costa pela curva encontra-se o cabo Figuier onde está o palacio de Ras-el-Tinc, e um tanto adiante o arsenal. Ao centro d'essa curva ergue-se a alfandega, proximo da qual se levantam os novos molhes, onde hoje se concentra todo o commercio maritimo.

Segue-se adiante o forte Napoleão ou Caffarelli por traz do qual se estende o bairro europeu, e que se distingue pelas suas construcções e disposição, dos bairros musulmanos. Forma o centro d'este bairro a praça dos consules ou de Mahemet-Alli onde se passaram as principaes scenas do drama de 11 de junho, quando foram os assassinatos dos estrangeiros, de que nos occuparemos, e que foram a causa immediata da intervenção europea.

Vem desembocar proximo dos molhes novos o canal de Mahmudich ou de Atfeh, ponto onde recebe as aguas do Nilo, pelo braço que se dirige a Rosetta. Este canal foi construido em 1820.

Fecha o porto exterior um bello dique em quebra mar, sobre o qual se levantaram recentemente alguns parapetos e baterias razantes de pequena importancia.

No bairro europeu levantavam-se magnificos edificios, como hospitaes e palacios, entre os quaes não era dos menos importantes, antes era muito notavel, o do consulado portuguez, que ficou arrazado por occasião dos incendios e morticínios que se seguiram ao bombardeamento operado pelos inglezes.

Basta por agora esta pequena descripção e reateamos a noticia dos acontecimentos politicos.

Cherif-Pachá, entregou-se á obra que lhe foi confiada, pelos successos de setembro de 1881, com toda a dedicacão e zelo, que era de esperar da sua intelligencia clara, do seu espirito recto, e do seu desejo sempre manifestado de trabalhar para o bem do seu paiz, sem animadversões, sem odio, para estes ou para aquelles. A sua politica muito patriótica, não exclue o concurso de ninguém.

Ainda que o seu nome fôra indicado pelos coroneis pronunciados, elle achava-se em Alexandria na occasião do pronunciamento, sem ter ligações de compromisso com os chefes do movimento, e portanto teve toda a liberdade de obrar como o seu espirito o inspirasse.

O seu nome foi pois accete como uma boa taboa de salvacão para o paiz, e um penhor de conciliação para todos. Que não era esse o pensamento dos revoltados, depois veremos.

Já indicámos os pontos principaes do programma de governo de Cherif-pachá, e dissemos que o Khediva se conformára perfeitamente com elle exaltando os serviços que a commissão europea tinha prestado ás finanças e á segurança do Egypto.

Posto á obra o novo wisir, tratou de desenvolver o seu programma, e logo que teve trabalhos organisados, fez reunir a camara dos notaveis.

A esta apresentou varios projectos de leis e nomeadamente a que se pôde tomar como uma lei constitucional do paiz, ou lei organica.

As coisas iam correndo placidamente, mas dentro em pouco se organisou, se é que o não estava já, um centro do chamado partido nacional, onde tinham, como é obvio, toda a preponderancia os chefes do movimento revolucionario, que se chamavam salvadores da patria, e entre os quaes sobresahia o mais energico e talvez o mais intelligente: Arabi-bey. Dentro em pouco este tornou-se a alma, e quasi que o dictador d'esse centro, que era pouco mais do que um ecco dos seus pensamentos.

Entrada em discussão a rapida lei não houve debate notavel até que se entrou nos arts. 34.º e 35.º relativos á apresentação e approvação do organico.

Este successo já é um pouco atrazado, mas como foi elle que determinou a queda do governo presidido por cherif-pachá, diremos em poucas palavras em que consistiu a divergencia.

R.

## RECORDAÇÕES D'AVEIRO

III

As mulheres de Ilhavo são as mais formosas mulheres portuguezas, — diziam-me; e eu, crente na opinião entusiastica, fiz quanto pude por vêr algum delicioso bocado d'essas bellezas apregoadas, uma cara, um braço, um bom trecho de carne rosada e vigorosa que o vestuario e a decencia deixassem andar á mostra. Mas deuse logo o caso fatal e realmente odiavel, de passar por Ilhavo no dia em que uma chuvinha miuda e diabolica cahia implacavelmente, tendo pelo ar grandes danças macabras ao compasso do vento furioso, ebrio; as ruas estavam completamente desérticas; as primeiras formosuras de Portugal nem sequer se mostravam pelas janellas, todas cerradas; e eu, ao mesmo tempo desapontado e reconhecido á chuva, por me deixar mergulhado n'aquella doce illusão tradicional, fui passando resignadamente, sem querer de modo algum empregar forças extraordinarias — para surprehender a primorosa plastica e formosura consagrada das ivalhenses.

Segui, pois, para a Vista Alegre, onde fiz uma viagem difficil e interessante atravez da fabrica de porcelana. Logo á entrada, estava um grande grupo de pobres seranas, sujas e rôtas, que alli vão aos bandos comprar as peças defeituosas, mais baratas; e um homem carrancudo, velhote corpulento com ares ameaçadores e um todo fanchudo e rebárbativo de valentão, passeiava n'um pequeno pateo, fêra reduzida a porteiro, dando grandes passadas e bordoadas grossas com um caceté no chão da jaula estreita; — foi carlista. Nos casarões abarracados da fabrica, fui vendo successivamente e vagarosamente os armazens das porcelanas promptas, as varias officinas, atravancadas d'enormes entablamentos e apparatus toscos, e mais ou menos povoadas de operarios atentos na faina; um gabinete especial de pintura udimentar e quasi mechanica, exercida por uns homens intelligentes e de vontade, mas que não têm a mais leve noção de desenho auxiliar, chegando a pintar — com pratica e fórmãs, al-



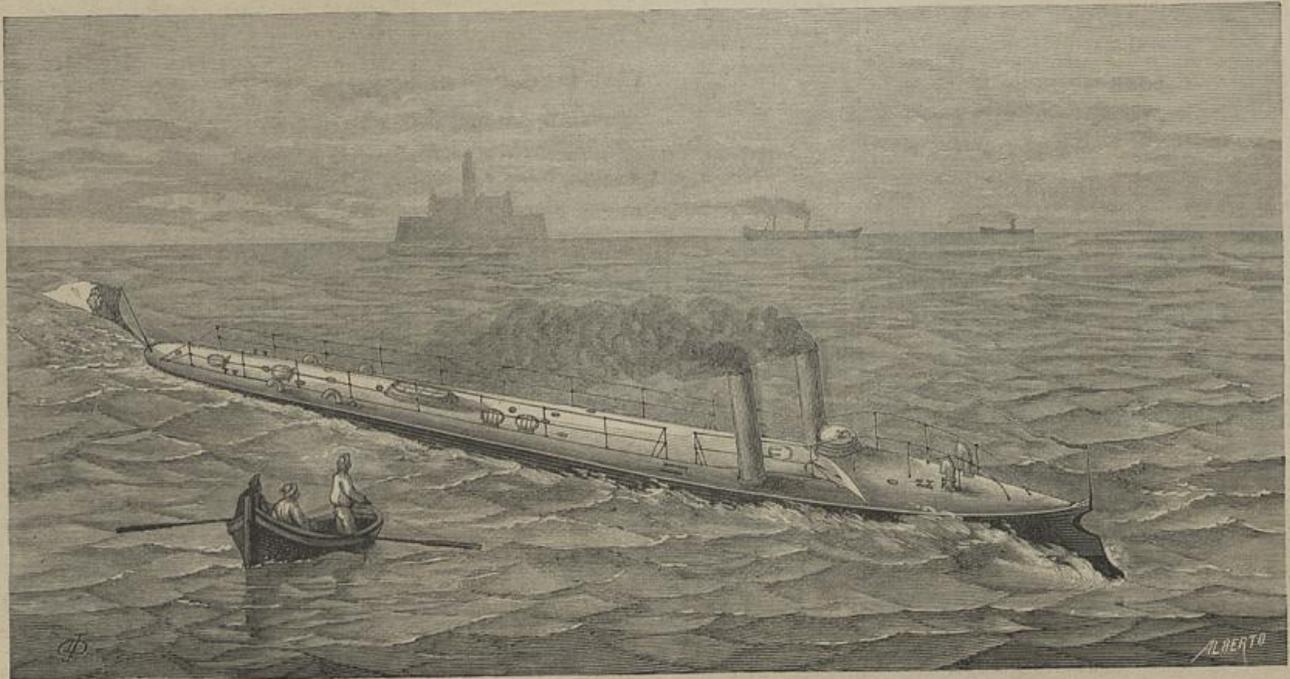
SUCCESSOS DO EGYPTO — CHERIF-PACHÁ

guns serviços caros e de effeito; a casa da china, guinchante e ensurdecidóra; e as grandes casas dos fornos, afogadas em sombra, e onde alguns operarios tratando afadigosamente de accender a fornalha hiante como uma negra bocca de abysmo, tomavam apparencias prosaicas de pequenos cyclopes com blusa, calças e tamancos.

Do alto em que a fabrica assenta abrange-se uma extensão inhnita de verdes pradarias, que n'aquelle dia invernoso tinham a immensa coberta verdejante toda encharcada, com um tom baço e quasi neutro, por onde se espalhavam, a largos espaços, massas pretas de rebanhos pas-

tando; e o Vouga, que tem uma repugnancia evidente em lançar as suas aguas tão cantadas ao mar soberboso, manda tambem para aquelles prados visinhos da Vista Alegre, umas ramificações d'aguas mansas, torcendo-se por uma parte e por outra, e dando ao vasto panorama um encanto singular de frescura e placidez atrahente.

E' atravessando essa extensão de não sei quantos kilometros quadrados — e liquidos, a que vulgarmente se dá tambem o nome modêsto de *ria*, que se váe de Aveiro á Barra, viagem esplendida por uma estrada construida em aterro solido, atravez das aguas serenas, uma larga via em linha recta d'ambos os lados bordada espessamente de tamargueira, cuja ramaria crespa e emmaranhada estende longamente uns bellos muros de verdura, tenra e avelludada. O caminheiro, batido d'uma brisa humida e acre, vae observando socegradamente, á direita, variados incidentes de navegação originalissima, e á esquerda, o extraordinario xadrez, regular e monotono, que as salinas desenhã na vastidão d'essa parte da ria, vendo-se só muito longe, confuso e esbatido, um horizonte verde-negro, salpicado de casarias isoladas e pequenas povoações branquejantes. Em maio, não se via ainda nas salinas senão a agua, dançando miudamente; mas quando o sal, alvo e espumeo, por alli se levantar aos montes scintillantes, mordidos de sol, tudo aquillo deve offerecer o aspecto deslumbrante, estranho e caprichoso, de um grande lago immovel na sua agitação convulsionada de ondas de neve, puras e iriadas. — Entra-se depois nas terras fertes da Gafanha, cortando-as em nova linha recta interminavel. De espaço a espaço, avistam-se pequenas casas perdidas pela paysagem rica, inundada de verduras promettedoras e sádias; passam grandes retalhos de pinhal, murmurantes e sympathicos no seu brusco aprumo; e alegres ranchadas de trabalhadores d'ambos os sexos, em promiscuidade niveladóra do esforço commum, apparecem de vez em quando por traz dos arvorêdos vicejantes, cavando robustamente, e parando um instante para curiosamente verem quem váe. E enquanto vou atravessando estas extensas terras, contar-lhes-hei uma cousa



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — ESPADARTE, NOVO BARCO PARA LANÇAMENTO DE TORPEDOS

(Desenho do natural por J. Dantas)

BELLAS-ARTES.



A PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A INDIA — ESBOÇO PARA UM QUADRO PELO PROFESSOR MIGUEL ANGELO LEPI

(Photographia de Rochlan)

que me disseram, e que me agrada pelas suas vagas similhaças de lenda, rustica e singela.

Era d'antes por aqui um grande areal chato e desolado, que todos abandonavam pela sua esterilidade mais que apparente; mas um dia veio para cá uma boa mulher, de região ignota, e levantou uma casinha, e cultivou em roda um pedaço do areal ingrato. Foi logo um pasmo ao ver como a hortaliça se punha viçosa e as arvores fructíferas cresciam luxuriosamente; e a boa da mulher, que tinha o seu homem e os seus porcos, não tardou muito que tivesse também filhos e bacorinhos. D'aquí uma prosperidade crescente e regalada; o quintalorio da mulher foi-se tornando em vasta quinta opulenta e invejada; os filhos d'ella, com o tempo, já se vê, vieram a querer casar, e pedindo previamente licença á mãe soberana e senhora, conseguiram-no; e o demonio do areal, secco e triste, desapareceu debaixo das casas felizes, das ceareas e das frondosas arvores, dos pinheiros e da vinha; mesmo, como se abrissem poços e descobrissem mananciaes purissimos, a felicidade d'aquella grande familia colonisadora não conheceu limites. Ora então, é claro que toda esta gente que me apparece em terras de Gafanha descende da dita mulher famosa, cujo nome não sei; e não ser que o erudito e sagaz sr. Pinho Leal salte a afirmar o contrario; e pretende-se mesmo que tão digna matrona vivia ainda ha poucos annos, afastada do trabalho, cercada d'afeições e de commodidades, e tendo um prazer enorme, expansivo e bom, ao receber as visitas frequentes dos admiradores, a casa d'ella atrahidos pela sua celebridade merecida e singular. Tinha só um vicio, — pedir cigarros aos amáveis visitantes; mas também, uma vez o cigarro accéo bem seguro nos grossos beiços, com que amigavel gana ella lhes dedilhava corridamente um concerto na sua guitarra adorada!

Mas a Barra está já perto; um vento endiabrado anda ás soltas, loucamente, pelo sitio onde se levanta a torre do forte, redonda e esguia; algumas casas que a cercam, simples e modestas, gemem sob a ventaneira sibilante, que enrua toda a ria immensamente estendida para o interior, com recortes extravagantes nos horizontes longinquoos, esverdeados ou areentos; e lá em baixo, o oceano agitado revolve-se n'uma luta monstruosa, com um berreiro surdo e stentoroso, perfilando em massa, sobre o ceu obscuro, as enormes vagas furiundas, como uma multidão convulsa e assombrosa de gladiadores colossaes dilacerando-se brutamente.

Monteiro Ramalho.

## JOÃO BAPTISTA SCHIAPPA D'AZEVEDO

### III

Deixando para o fim os actos da sua vida publica continuaremos com um ligeiro esboço do que foi fóra d'ella.

Nasceu João Baptista Schiappa d'Azevedo em Lisboa a 24 de junho de 1828. Seu pae José Pedro Schiappa d'Azevedo, homem de elevada estatura secco de carnes, era descendente de um dos irmãos genovezes Pedro e João Baptista. Schiappa Pietra que em 1765 vieram para Portugal, e sob o impulso do marquez de Pombal, a fim de estabelecerem uma fabrica de serralharia.

Recebeu a sua educação com os professores mais habéis de então, e a sua infancia e adolescencia correu com certa mediania até á morte de seu tio João, de que já fallamos. Desde então os escassos recursos que uma escrivãinha de juizo de paz davam a seu bom pae, eram muito pequenos para acudir ás necessidades mais urgentes de uma familia numerosa, que, no tempo em que a comeccei a tratar ainda contava oito pessoas.

Assim foi elle seguindo o curso primario e secundario, conhecendo tudo o que se sabia no seu tempo. Era profundo em latim, e ainda ha poucos annos um professor se espantava de que elle tivesse tão solidos conhecimentos d'esta lingua; sabia regularmente o grego, fallava e escrevia perfectamente francez e castelhano. Mais tarde e já quando frequentava as escolas superiores estudou o inglez, que pouco fallava, e o allemão que conhecia muito bem e fallava regularmente.

Davam-lhe estes conhecimentos linguisticos sobrada vantagem sobre muitos dos seus collegas, e sobre muitos homens, hoje collocados altamente, o que se reconhecia principalmente em algumas commissões de que fazia parte, e nas quaes o maior numero de vezes, o peso do trabalho pesava sobre seus hombros.

Respeitava seus paes com um extremo notavel, e quando por virtude dos effeitos de uma idade avançada, seu pae falleceu teve grande desgosto. Já em tempo o tivera pela morte de seu irmão Luiz o mais novo, fallecido na idade de 17 ou 18 annos.

Tinha duas irmãs, que amava com entranhado amor, nomeadamente D. Maria Rosalia, a mais nova, cuja intelligencia e talento brilhante elle não cessava de celebrar, especialmente quando acabava de lhe dar lição, o que succedia muitas vezes, quando eu estava em sua casa.

Desde a sua posição de engenheiro de minas que a redução de sua familia lhe proporcionou meios mais folgados de acudir como entendia ás necessidades d'ella, não se poupou a despezas para dar a suas irmãs apar das commodidades materiaes indispensaveis a necessaria instrucção.

O cumprimento d'este empenho, que era para elle um gozo intimo, foi encontrado e abafado pela morte que, no pequeno intervalo de dois ou tres annos lhe ceifou em flor aquelles dois viçosos botões, de uma planta que parecia bracejar e reproduzir-se em largos rebentos.

Em poucos annos de uma familia tão numerosa, restava a mãe e dois filhos varões!

João Baptista apesar dos seus trabalhos scientificos, da sua vida afanosa e durante alguns annos muito movieda era muito sensível á belleza das formas, e sobretudo aos dotes de espirito. Com o seu genio distraído succedia-lhe muitas vezes esquecer n'uma conversa espiritosa e animada, que elle variava como poucos, algumas coisas, que depois lhe davam trabalho e cuidado a reunir.

### IV

Era tão delicado o seu sentimento, que fazendo-me um dia as suas confidencias, sobre seus projectos de casamento, que tivera com uma joven belleza do Porto, me contou que abandonara essas idéas e cortara as suas relações por encontrar falta d'aquella delicadeza na joven a quem amava.

Havia-lhe morrido a ultima de suas irmãs, a unica que então tinha, e aquella a quem mais queria.

Fóra visitar a sua promettida. Naturalmente estava elle triste, e fóra d'aquelle tom folgazão e um tanto zombeteiro, que tão habitual lhe era.

Estranhou a joven, e queixou-se-lhe de o ver com maneiras tão pouco delicadas. Respondeu elle que não era de estranhar o seu modo, attento o seu estado.

Tornou ella a insistir, a que João Baptista respondeu: nada mais natural, minha querida, quando ha uma grande dôr, por mais que se queira não se pode aparentar modo satisfeito.

«Nem na minha presença?»

«E-me ella muito agradavel, e venho procurá-la como balsamo, mas não posso esquecer a falta e o desgosto da morte de minha irmã.

«Ora aqui está. Que grande coisa! a morte de uma irmã!...»

É muito possivel que a joven dissesse estas palavras na melhor intenção, e até que a lingua não traduzisse bem a idéa que tinha no espirito, mas foi sufficiente esta indicação de falta de sentimento, para que João Schiappa desde esse momento perdesse toda a inclinação áquella senhora, e fosse pouco a pouco afastando-se, até cortar de todo essas relações.

Era por 1862. Achava-me na provincia e os jornaes transformaram e transformaram de tal maneira umas noticias, que eu li, em um ou dois, que havia fallecido João Baptista Schiappa, casado com uma filha do barão de Pernes.

Alicto, apouquetado, sem saber que fazer crevi ao pobre João Ricardo Cordeiro, aquelle bonissimo caracter que ha pouco tempo desapareceu, para me informar do que havia a tal respeito. Respondeu-me logo que o João estava bom, que quem tinha fallecido era o barão de Pernes, e que se dizia que aquelle casava com uma filha do general fallecido.

Passado algum tempo recebia eu uma carta do João, que começava d'esta maneira.

«Vaes espantar-te do que te vou dizer, depois do que te disse na ultima noite que fiquei em tua casa, (quando me contou o caso que referi e me affirmava que era mais que natural não casar) vou-me casar. E mais te admirarás se te disser que é com uma pessoa muito tua amiga, que tu conheces ha muito mais tempo do que eu.»

Referia-me então que tendo chegado a Lisboa de uma viagem, ouvira dizer que estava gravemente enfermo o barão de Pernes, que indovel-o não abandonara a sua casa mais, assistira a todo aquelle pungente despedimento d'uma alma pura e sincera, que n'esses momentos lhe

fizera grande impressão a Maria Helena, que deixara criança e que encontrara senhora feita, desenvolvida em graça talento e intelligencia, e que foi tal a impressão que ella lhe causou, que communicando-lhe passado algum tempo os seus sentimentos, foram elles apreciados com a maior benevolencia, correspondidos nobremente e a contento de todos.

Para encurtar caso João Baptista com D. Maria Helena Bon de Sousa

D'este matrimonio nasceram muitos filhos existindo á data da morte de João Schiappa ainda sette!

Infelizmente porém o animo de João Baptista Schiappa precisava mais provações.

No dia 1.º de janeiro de 1876 tendo vindo a Lisboa, por uns dias, depois de quinze annos de ausencia, fui passar no seio d'aquella familia, composta de dois ramos das minhas mais antigas e profundas afeições, parte do dia. Reinava allí a mesma alegria, que eu experimentara no Porto, quando justamente dez annos antes, estivera em sua casa alguns dias. A differença era que no Porto havia ainda então uma filha só, e em Lisboa encontrava um grupo de creanças, todas vivas, buliçosas com cujas traquinças a mãe ria e folgava.

Foi um dia de verdadeiro prazer. As nossas recordações da infancia vieram todas á conversa.

Quando eu ia a casa do barão, e que Maria Helena, e sua lindissima irmãinha Constança vinham sentar-se sobre os meus joelhos, pedindo-me que lhes contasse historias, e eu com os meus 16 ou 17 annos me prestava a tudo que ellas queriam... uma com 4 ou 5 annos, que eu chorei muito tempo, outra com 6 ou 7, que eu havia de chorar alguns mezes depois d'este dia saudoso.

Um dia recebi a triste noticia de que a boa Maria Helena, havia deixado este mundo, onde tanta gente a adorava.

Quando um mez depois cheguei a Lisboa, ainda o João soffria d'esse duro golpe, que lhe tirou a alegria, que o tornou impaciente, inconsequente muitas vezes, inconsciente algumas, e quantas não parecia que a sua razão estava alterada!

Desde esse triste acontecimento, e os que se seguiram em sua casa, o fallecimento de duas tias de sua mulher muito edosas e gastas de espirito, a alteração progressiva das faculdades de sua boa mãe, que elle tanto estremecera, e de quem havia de assistir lugubrememente ás exequias da intelligencia, muito mais tristes que as exequias do corpo...

Para os de fóra, para os homens da vida official e externa é possivel que nunca encontrassem differença no genio do João Schiappa. e até mesmo para muitos dos seus collegas. Para os muito íntimos, para mim principalmente, desde que a primeira vez o vi depois do falecimento de sua esposa, reconheci a profunda impressão que esta falta produziu no seu animo.

Não havia de ser muito longa a ausencia. Quando elle tinha visto que para o futuro de seus filhos precisava recolher algum fructo da sua intelligencia, empregada tantos annos, com tão pouco lucro em proveito da nação; quando estava na estrada para colher o fructo da importancia que seu grande nome adquirira entre os homens de sciencia portugueza, eis que a morte implacavel vem suspendel-o ao limiar d'esse caminho, cortando em flôr as suas e as esperanças da sua familia...

Ainda ao menos a sua previdencia poudo economisar algumas tenues mealhas, que serão escassos recursos a seus filhos, que de outro modo teriam de esmolar á caridade publica depois de seu pae haver servido a nação por mais de trinta e cinco annos.

Continúa.

Brito Rebello.

## O THEATRO DA RUA DOS CONDES

N'um officio escripto em 1792 e que já aproveitei tratando de mostrar a preferencia que Pina Manique dava ao theatro da Rua dos Condes, faz o celebre intendente o seguinte retrato dos cultores da arte dramatica e dos empezarios, seus contemporaneos.

«Tambem devo pedir a V. Ex.ª que queira informar o Principe Nosso Senhor da qualidade de gente que é comicos e empezarios, que de ordinario é a mais infima, e que para os conter, e conservar a boa ordem e policia do theatro, é necessaria a força, sem a qual nada se pode fazer, porque é uma gente sem melindre ou capricho, e o interesse é o que tem no seu coração. São

susceptíveis de tudo aquillo que é mau para o adotar, ou seja contra os bons costumes, ou contra a honra, o ponto é que elles tenham interesse. Alem de que não cumprem o que devem para satisfazerem o publico, e muitas vezes é preciso contel-os para não enxerirem algumas palavras menos decentes, que não veem na peça que executam; e de ordinario tambem, para poderem prevenir-se e a seu salvo praticarem estas desordens, procuram sempre protectores, para á sombra d'elles se abrigarem e poderem denegrir a policia, e com macaquices e visagens ganham os mesmos protectores para este fim, os quaes, na presença de Sua Alteza Real e de seus ministros de estado, poderão dar as côres que lhes parecerem, para desgostarem os executores das reaes ordens e ficarem elles na sua liberdade, vindo por este modo a conseguir o seu fim.»

Não se limita o intendente a vituperar os actores. Fallando dos espectadores, qualifica o maior numero d'estes, de gente ociosa, pouco considerada e menos instruida. Diz que para conservar a ordem se tem muitas vezes de lançar mão de providencias, que nem sempre são bem aceitas «por aquelles que vêm cortados os seus fins e em quem influe a grandeza do seu nascimento.» Acaba affirmando não dever attendel-os, por isso que todos os vassallos estão sujeitos a cumprir a lei, restando-lhes o direito de representarem contra o que lhes parecer injustiça.

Manique tinha a respeito dos actores a opinião que era geral no paiz quarenta annos mais cedo, segundo declara o celebre cavalheiro de Oliveira, nos seguintes periodos dos seus *Amusements Periodiques*.

«Os portuguezes a exemplo dos romanos tem os actores em grande desprezo. A profissão de comediante é a mais vergonhosa de todas. Consideram-na ainda abaixo das que são realmente infames e criminosas. Para nos convencermos d'isto, basta dizer-se que negam sepultura em sagrado aos actores, e que a dão aos saltadores e fainorais.

«Alguns theologos portuguezes affirmam que assistir á representação de uma comedia, equivale a incorrer em peccado mortal, outros dizem que os frequentadores dos theatros tem a alma em tanto perigo como os proprios actores.»

Desde 1790 até 1792 cantaram-se na Rua dos Condes muitos dos dramas lyricos que mais agrado alcançavam, n'aquelle tempo, nos diversos theatros da Europa. Ainda vou recorrer á collecção da Bibliotheca Nacional de Lisboa a que já alludi, para dar informações acerca d'alguns, que ali foram executados.

As operas do celebre compositor Giovanni Paesicello *I filosofi immaginari*, e *Il marchese de Tulipano ossia Il matrimonio inaspettato* subiram á scena em 1790, ambas desempenhadas por F. Bartocci, Luigi Secchioni, Leonardo Martini e Francesco Rossi. Este ultimo fazia os papeis de dama. Foi elle que, perante o nossos bisavós, cantou a parte da ladina e graciosa creada da *Serva padrona*, e a de *Rosina*, a encantadora pupilla de D. Bartholo, no *Barbiere de Sevilgia*, obras do mesmo maestro. Pobres bisavós!

O *Barbeiro* foi representado pela primeira vez em Lisboa a 7 de julho de 1791, por alguns d'aquelles artistas e por um cantor portuguez, Antonio José da Silva.

Executou-se n'aquelle mesmo anno, a *Donna capricciosa*, de G. Gazzaniga.

A 17 de novembro de 1790 foi festejado na Rua dos Condes o anniversario natalicio de D. Maria I com a representação da *acção dramatica em musica*. — *Il templo della gloria*. Eis a distribuição: *Genio Lusitano*, F. Bartocci; *Arctea* ou a *Virgínia*, Leonardo Martini; a *Gloria*, Francisco Rossi; o *Destino*, Antonio José da Silva; *Ideal das perfeições* (!) Carlos Fidanza.

A letra fôra escripta por Eustachio Manfredi, bohonhez. A musica, composição de Carlos Spontini, mestre de capella, era executada sob a direcção de José Antonio Leal Moreira, que foi o ensaiador do theatro durante muitos annos. Manoel da Costa inventára e fizera o scenario; Domingos de Almeida, empzeirario do theatro n'aquelle tempo, tinha dirigido a confecção dos fatos.

A peça não se alonga muito, tem apenas um acto. É esta a sua melhor qualidade.

Em 1791 passou a empresa para Francisco Antonio Lodi. Escreve elle no prologo de *L'impresario in angustia*, fôrça com musica de Cimarosa para representar-se no carnaval do mesmo anno, as seguintes palavras, dirigidas ao duque de Cadaval, a quem a peça é offerecida. «V. Ex.<sup>a</sup> conhece que a acção do mesmo drama é tirada das penosas circumstancias a que me reduz a triste e duvidosa condição de empzeirario, e espero portanto que este motivo seja mais um estímulo para que V. Ex.<sup>a</sup> o proteja, e me não

prive da unica vantagem que espero recolher d'esta minha arriscada e penosa applicação.»

(Continua)

Maximiliano d'Azavedo.

## EPIHEMÉRIDES ARTÍSTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1856. — Setembro 21. — Ovação em S. Carlos. Estreia da prima dona de cartelo Euphrosina Parepa e do bravo tenor Nery Baraldi, com a opera *Os Puritanos*.

Parepa e Nery tiveram applausos geraes e prolongados, sendo chamados repetidas vezes ao proscenio. A estreia foi uma das mais felizes que se tem dado no nosso theatro lyrico. Parepa mostrou os recursos d'uma linda voz de *soprano sfogatissimo*, fresca, sonora, volumosa e extensa; Nery Baraldi apresentou a pujança da mais vibrante e sonora vocalisação, aliada aos dotes de excellente actor, e a uma pronuncia clara e bem accentuada, boa presença e bom accionado.

Convém notar que Parepa, que já então podia competir com as primeiras notabilidades artistas — havia até ali cantado apenas em tres ou quatro theatros.

1812. — 22. — E' encarregado pelo governo o dr. Gregorio José de Seixas de fazer um dictionario de artes e officios, obra que não chegou a publicar. Ha contudo do dr. Seixas o seguinte livro: *A Technologia do dr. Beckmann, para servir de preludeo ao Dictionario de Artes e Officios, como resumo dos seus respectivos tratados*. — Lisboa 1813, 8.<sup>o</sup> de 86 pag.

1863. — 22. — Morre o distincto poeta e escriptor portuguez Rodrigo Botelho da Fonseca Paganino.

Foi um lamentavel successo para as letras, que n'elle perderam um seu cultivador mais dilecto.

1853. — 22. — Publica-se o regulamento de theatros, approved por decreto d'esta data.

E' extincta pelo art. 106.<sup>o</sup> a sociedade dos artistas dramaticos, que havia sido creada por decreto de 30 de janeiro de 1846, tomando o governo para si a empresa do theatro de D. Maria II.

Determinou-se pelo art. 82 que fosse livre a entrada no referido theatro aos redactores dos jornaes. O theatro de S. Carlos secundou este exemplo, que depois se estendeu a todas as outras casas de espectáculo.

1857. — 23. — Debuta de Malvezzi e do baixo profundo Bouché na opera *Ernani*, do maestro Verdi.

Bouché, admiravel no canto e distincto na acção, é tido por um dos melhores baixos que tem vindo a S. Carlos. Houve quem chegasse a comparal-o com o celebre Fornasari.

Malvezzi, que mostrou possuir a voz mais deliciosa e suave possivel, se bem que algum tanto fraca, obteve repetidos triumphos durante aquella epoca lyrica.

1880. — 23. — Os membros do congresso anthropologico fazem a sua excursão scientifica ao casal de Otta, ao N. do Alemtejo, a 50 kilometros de Lisboa. Partiram os illustres sabios pelas 6 horas da manhã, em trem especial, até ao Carregado, onde os aguardavam os trens que seguiram para Otta. Esta excursão foi dirigida pelo sr. Carlos Ribeiro que havia sido um dos promotores d'este congresso.

1834. — 24. — Morre no palacio real de Queluz, (no mesmo quarto onde havia nascido) o imperador D. Pedro IV, tendo 36 annos de idade e 4 e meio de governação.

Era muito distincto e notavel compositor. O hymno chamado da Terceira, é composição do imperador.

O elogio historico d'este monarcha foi recitado na Academia Real das Sciencias de 13 de julho de 1836, pelo socio Antonio Telles da Silva Caminha e Menezes, marquez de Rezende.

1857. — 25. — Inauguram-se as linhas telegraphicas para o estrangeiro.

A inauguração d'ellas dentro do reino foi em 16 de setembro de 1855.

1851. — 26. — Morre Antonio Maria d'Assis, actor do theatro de D. Maria II, e esposo da primeira actriz d'aquelle theatro Josepha Soller.

Morreu pelas 3 horas da tarde e na idade de 33 annos.

1857. — 26. — O italiano D. Salvador Siciliani expõe ao respeitavel publico de Lisboa a sua collecção de *Ratas sabias indianas*, que, nos exercicios admiraveis que executavam não ficavam atraz das celebres *Pulgas industriosas*, apresentadas em 1853 pelo allemão Esslinger.

A exposição teve logar na rua Nova do Carmo n.º 27, 1.<sup>o</sup> andar. O publico nunca a deixava e

corria a admirar aquelles estupendos exercicios, louvando a paciencia do director dos bichos.

1820. — 27. — São separadas as duas secretarias dos *Negocios da Guerra e dos Estrangeiros*, creadas por lei de 28 de julho de 1736.

No seguinte anno os negocios estrangeiros ficaram anexados ao novo ministerio da justica creado por decreto de 23 de agosto.

1852. — 27. — Concerto dado na Academia Melpomene pelo insigne rabequista Luiz Eller.

1873. — 27. — Estreiam-se no theatro de D. Maria II o actor Cesar de Lacerda e sua esposa Carolina Falco.

Foi esta auspiciosa estreia com o drama *Mulheres de Marmore*, que correu muito regularmente, sendo os debutantes mimoseados com boa dose de palmas.

1810. — 28. — Nasce o illustre philologo e infatigavel investigador Francisco Innocencio da Silva, auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, um dos mais elevados monumentos da litteratura contemporanea.

1878. — 28. — Debuta dos celebres atiradores americanos: Miss Tillie Russel e o capitão Howe. Foi no circo do Price.

Cada um d'estes eximios caçadores, munido da sua carabina, acertavam em diferentes alvos pequenissimos. O capitão apagara, com um tiro tendo as costas voltadas, uma luz d'um castiçal que estava na mão de miss Tillie! Tambem de costas voltadas, despedaçava com um tiro da sua carabina uma pequena maça, collocada na formosa cabeça da joven miss.

Miss Tillie pela sua parte não era menos destre. Entre outros exercicios ao alvo, de surpreendente effeito, desfazia com um tiro um pequeno cachimbo que Howe sustentava entre os dedos!

1843. — 29. — Estreia do primeiro baixo profundo Botelli, com a opera *Belisario* de Donizetti.

Magnifico cantor, figura elegante, boa dicção, voz admiravel, eis os predicados d'este notavel cantor.

1865. — 28. — Inauguração do theatro do Principe Real, sito na rua Nova da Palma. Esta primeira recita foi para solemnizar o anniversario natalicio de Sua Alteza o Principe Real. O actor Cesar de Lima recitou a poesia *Saudação*, escripta pelo sr. José da Silva Mendes Leal.

Representou-se a comedia *Dois pobres a uma porta* do sr. Rangel de Lima e Aristides Abranches, e uma comedia, pelos mesmos srs. *Muito padece quem ama*. O espectáculo abriu por um hymno que havia sido composto e dedicado a Sua Alteza pelo sr. C. A. P. Bramão.

1877. — 29. — Primeira representação dada em Lisboa, no theatro do Principe Real, pela actriz italiana Giacinta Pezzana Gualtiere.

Foi com a peça *Medea*.

E' difficil, senão impossivel, descrever o effeito que produziu em todos nós o talento deslumbrante d'esta prodigiosa actriz. Muitos jornalistas a denominaram *maravilha, prodigio e phenomeno*.

A ultima representação da eminente actriz italiana foi em 5 de novembro d'esse mesmo anno com a *Dama das Camélias*, desempenhando ella o papel de Margarida Gauthier, com extraordinario relevo.

1877. — 30. — Estreia-se no theatro do Gymnasio Dramatico, uma companhia italiana de opera comica, dirigida pela actriz Maria Frigerio, cantora que veiu precedida de grande reputação.

Frigerio tinha a voz já muito cançada, mas na sua companhia vinham algumas cantoras de merecimento.

N'esta companhia veiu um actor que boas e alegres horas nos fez passar; refiro-me áquelle impagavel Ficarra, um dos mais graciosos cantores comicos que temos conhecido.

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Quem não tem pé não dá coice.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA, Edição da Empresa Litteraria de Lisboa. Fascículo 45 do 3.º vol. com uma gravura «*Missão de S. Francisco Xavier*». Com este fascículo fica concluído o 3.º vol. d'esta HISTORIA DE PORTUGAL, escripto pelo sr. Alberto Pimentel. A gravura que publicamos na pag. 216, como especimen das gravuras contidas n'este volume dá ideia da importancia das illustrações d'esta obra, a primeira que, no seu genero, se tem feito no paiz.

Com a conclusão do volume de que acabamos de falar ficam os seis volumes, de que esta historia se compõe, ligados, faltando apenas uns seis fascículos para a conclusão do 6.º e ultimo vol., que em breve devem estar publicados.

Cabe muito louvor ao sr. João Antonio de Mattos, proprietario da Empresa Litteraria de Lisboa, pelos esforços e sacrificios que tem feito, para levar a cabo esta importante edição que é, incontestavelmente a melhor que se tem feito em Portugal.

HISTORIA UNIVERSAL do Dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delfim d'Almeida. Edição da Empresa Litteraria de Lisboa. Fascículos 10 e 11 de 40 pag. cada um com duas gravuras *Navios Romanos e Morte de Sertorio*. Com este fascículo conclue o primeiro volume que tem sido publicado com a maior regularidade e rapidez. A assignatura para esta obra continua ainda aberta, facilitando assim a aquisição de um dos melhores livros que se tem publicado n'este genero.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA POR EDUARDO FREIRE DE OLIVEIRA. — 4.º fascículo. Chega este fascículo á quarta folha do volume até paginas 52, e enceta o seu segundo artigo que trata dos *Foraes de Lisboa*. Como esta obra, conste apenas de *elementos para a historia*, e não seja collecção de documentos, traz apenas estes indicados e extractados em parte as suas passagens mais importantes, singulares ou caracteristicas. Deve ser por tanto muito curiosa a historia dos foraes de Lisboa, isto é da lei municipal que prescrevia as liberdades, foros, isenções e obrigações ou encargos d'esta nobre cidade e seu termo, concedidas ou estabelecidas primeiramente por D. Affonso Henriques em 1179 isto é trinta e dois annos depois da conquista de Lisboa em 1147, confirmadas successivamente por

varios monarchas, até que D. Manoel resolveu dar nova forma e homogeneidade a esses vetustos privilegios, alguns dos quaes já eram perdidos e onde já havia clausulas obsoletas, que urgia regularisar. Como se sabe por carta regia de 25 de junho de 1498, foi nomeada uma commissão, como dizemos hoje, para emprehender esse

ardor e entusiasmo ha mais de 40 annos, não tem tido o desenvolvimento que era de esperar, e pouco mais tem dado que o soccorro mutuo. E' esta hoje tambem a feição principal da Sociedade dos Artistas Lisbonenses e n'este campo são importantes os beneficios d'esta sociedade. O relatório que temos presente termina com um

importante discurso pronunciado pelo sr. José Antonio Dias, digno presidente d'esta associação, e incansavel trabalhador por ella, na sua sessão solemne, celebrada em 3 de fevereiro do corrente anno.

CATALOGO GERAL DA BIBLIOTHECA DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA EM PERNAMBUCO. Porto, Imprensa Portugueza, rua do Bomjardim, 1881 1882. — 8.º francez de vii-492 pag. com 1 de indice e 4 de notas e erratas. — Seguiram os organisadores d'este catalogo um methodo scientifico, o que é uma idéa apreciavel; parecemos porem que foi levada muito longe a sub-divisão de materias, e algumas obras, segundo o nosso modo de ver, deveriam talvez entrar em outro capitulo, ou pelo menos deviam ter remissões de uns para os outros, afim de evitar perda de tempo aos que querem consultar o catalogo. Tinhamos reparado em alguns erros notaveis, mas vimos-los depois accusados na *Nota final e erratas* que fecham o volume, sendo de sentir que a revisão não podesse ter evitado muitos d'elles. Em nosso entender na nova edição, que estes defeitos demandam e se promete na referida nota, deve completar o catalogo um indice de auctores, afim de facilitar as pesquisas aos leitores menos instruidos que são o maior numero.

A POESIA NA ACTUALIDADE, por Anthero do Quental. (A proposito da — *Lyra intima* — do sr. Joaquim de Araujo). Folhetim extrahido do *Jornal do Commercio* (n.º 8-228) de 7 de julho de 1881. Não entra em commercio. — Porto. Typographia Elzeviriana. 1882. Folheto de 20 pag. N'este artigo critico, do notavel escriptor michaelense, parece emittir-se a idéa de que a poesia acabou, e de que hoje o mundo importa-se mais com qualquer experiencia ou affirmação d'um naturalista ou de um philologo, que com quanto lhe possa dizer um poeta. Parece que em parte tem razão o auctor, mas fazemos votos para que o mundo se idealize um pouco mais, e a sua propheta não tenha inteiro cumprimento.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMENT FRÈRES, Typ. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Velho, 6



MATANÇA DOS JUDEUS — REINADO DE D. MANUEL

Gravura extrahida do 3.º vol. da *Historia de Portugal Illustrada*, edição da Empresa Litteraria de Lisboa

trabalho, sendo Fernão de Pina quem reduziu á sua ultima forma os foraes do paiz até ahí existentes.

RELATORIO E CONTAS DA SOCIEDADE DOS ARTISTAS LISBOENSES no anno economico de 1881-1882 — 43.º anno da sua existencia. E' das mais antigas associações em Lisboa e a que mais serviços tem prestado. Entretanto o principio da associação, iniciado em o nosso paiz com tanto

## ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1883

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

*Prefusamente illustrado com gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia*

Sahe a publico em 25 do corrente este interessante almanach, o mais elegante que se tem publicado em Portugal, e que no primeiro anno da sua publicação teve o successo mais completo.

PREÇO, EM LISBOA, 200 RÉIS

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 220 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, entrada pela rua das Chagas, 42 — Lisboa, onde devem ser dirigidas as encomendas.

## MUDANÇA

A EMPREZA DO OCCIDENTE mudou os seus escriptorios de Redacção, Administração e Atelier de Gravura, para a RUA DO LORETO entrada pela RUA DAS CHAGAS, 42. Lisboa.